

Semana Litúrgica, em Fátima (dia de S.to Inácio de Loiola)

A vida dos santos assemelha-se a um coro litúrgico. Cada elemento começa por fazer a leitura da pauta e por entoar baixinho algumas notas... depois, passa os olhos pelos restantes elementos do coro, demorando na pessoa do maestro... e, finalmente, dispõe-se a colaborar com todos, pensando mais no conjunto do que em si mesmo. Ora, um pouco disto se passou com Santo Inácio de Loiola, de quem fazemos, hoje, memória. Encontrava-se ligado ao serviço militar, quando teve um acidente doloroso e baixou ao hospital. Sentindo necessidade de ocupar o tempo, com alguma literatura disponível, veio-lhe ter à mão a 'partitura' dos santos que primeiramente o distraiu e, depois, o atraiu. E atraiu em direcção a quê? Ao coro ambiental, regido pelo 'maestro' divino, Jesus Cristo. E quanto mais observava o coro e o maestro, mais vontade sentia de participar. Então, a melodia começou a soar... entusiasmando outros também. E nasceu um novo coro que havia de chamar-se 'Companhia de Jesus'. Nessa altura, já Inácio era extremamente dócil às inspirações divinas, ou seja, ao essencial da melodia. E a respiração musical havia de expandir-se com sabor missionário amplamente difundido. De sorte que o mundo tornou-se a sua 'casa de ensaio' e a 'mobilidade' conjugada harmoniosamente com a 'obediência', passou a dar ritmo ao concerto apostólico-missionário e ao esforço da santidade.

Tudo para glória de Deus

Agora, depois deste esboço quase musical, vamos ouvir o Apóstolo Paulo, que nos exorta a fazer tudo para a glória de Deus. E como? Mediante coisas extraordinárias? Não, decerto; mas à conta dos afazeres do dia a dia: *"quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer"*. Isto é: em ritmo ternário, o Apóstolo mostra como as coisas pequenas podem ser grandes, se feitas com amor e em oferecimento de gratidão. Mesmo assim, recomenda prudência, para que o escândalo não comprometa nunca a melodia da fé. E querendo ser modelo diante de todos, faz de solista: *"faizei como eu"*, diz ele, que não busco o interesse próprio mas o de todos, a fim de que todos se salvem. E pousando os olhos no divino 'maestro', ousa mesmo acrescentar com ousadia cristã: *"sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo"*! Assim, irmãos, pedi por mim ao Senhor, para que eu possa dizer o mesmo; e eu comprometo-me a pedir por vós.

À conta do discipulado

Olhemos, agora, para o grande coro (a multidão que se junta à volta de Jesus), e oiçamos as recomendações prévias, e selectivas também: *"Se alguém vem ter comigo, e não Me preferir ao pai, à mãe, à esposa, aos filhos, aos irmãos, às irmãs, e até à própria vida, - não pode ser meu discípulo"*. Isto é: não pode fazer parte deste coro. Simplesmente, tais exigências parecem exageradas. Pois, dão a impressão de que a própria família passa de nuclear a secundária; - o que equivaleria a acomodar-se à moda do tempo, colocando tudo nas mãos da autonomia laica e na fantasia do 'apetece-me'. Jesus, porém, diz de modo bem diferente: uma vez que nem o sábado

está acima do homem nem o homem acima de Deus, nem a família à margem do projecto divino. E afirmando, noutro lugar, que Ele é *“caminho, verdade e vida”*, também afirma que o coro por Ele regido oferece harmonia, embora peça esforço. Depois, acrescenta: *“quem não toma a sua cruz para Me seguir, não pode ser Meu discípulo”*. Ora, uma e outra afirmação (ou exigência) mostra que o coro da fé é diferente do coro da liturgia, embora por ele passe e dele dê testemunho. Com efeito, Jesus é o ‘Maestro’ dos maestros e o coro a que preside chama-se “Corpo Místico” ou Igreja do Senhor. Mas, afinal, o que significa *“carregar a sua cruz e seguir Jesus”*? - é aceitar a vida como um dom gratuito de Deus e a fidelidade como uma resposta generosa da nossa parte. Pois, uma e outra coisa produzem paz e confiança. E será assim que o mundo entende? Se fosse, não havia tanta desavença nem o coro social se mostrava tão desafinado. Basta ver a rotura que se dá no seio da família, o escândalo divulgado à conta do lucro e a ideologia do género ditada pelo capricho.

Depois, a imagem da torre começada e não concluída por falta de discernimento, faz lembrar a ‘torre de babel’ que desafiou o céu e se desmoronou à conta do orgulho, caindo no chão do seu nada. E a guerra feita como desafio arbitrário, passou pelo caminho da humilhação, fazendo sofrer culpados e inocentes. Ora, Jesus serviu-se destas duas parábolas, para mostrar as condições do discipulado: primeiramente, saber discernir o caminho à conta da fé e da confiança; e, depois, optar pelos bens eternos do céu, desapegando-se dos bens passageiros da terra. E, olhando para as ambições do tempo: teremos de abdicar dos ‘deuses’ pagãos, renunciando à presunção do dinheiro.

Voltemos, agora, a página e olhemos para a partitura do discipulado cristão: diante de nós, está o ‘Maestro’ divino disposto a acolher todos os elementos que desejem integrar-se no coro. E as condições vêm descritas na pauta do Evangelho. Então, depois de passar os olhos por todos e cada um, sugere a melodia mais atraente: *“vinde a Mim que sou manso e humilde de coração”*. E o compasso ternário de sabor teologal (fé, esperança e caridade), faz vibrar a voz de cada um como se fosse uma só voz... e faz ecoar o coro em jeito de convite, através do ambiente e pelo tempo além.

E quem de nós se recusará a pertencer a este coro... ou rejeitará as condições apontadas? O tempo de hoje tem uma maneira estranha de responder ao convite: vale-se do dinheiro e do orgulho, para fazer o que lhe apetece e, muitas vezes, à conta da violência; enquanto a fé aconselha a convivência fraterna e responde com a vida, através do testemunho e da convicção. Quer dizer: o tempo e a moda dificilmente aceitam fazer coro com os outros, em ritmo de fraternidade; a fé, por sua vez, dando atenção ao divino ‘Maestro’, responde com esforço, pondo os olhos no essencial e no positivo. Vou descer mais ao concreto: o tempo e a moda votam pelo ‘ter’ e a favor do capricho – daí: ‘quero, posso e mando’; a fé, ao contrário, vota pelo ‘ser’ e não consente que o interesse e as ambições desafinem a melodia e comprometam o coro.

Finalmente, e em ambiente de liturgia, peçamos ao Senhor que nos mantenha sempre no Seu coro; e iluminando a partitura da nossa vida, dê a toda a assembleia vontade de cantar unida e de viver em paz. Assim seja!

Basílica da SS.ma Trindade (Fátima), 31 de Julho de 2014.

+ Augusto César